

O VINHO MAIS  
CARO DA HISTÓRIA

Benjamin Wallace

O VINHO MAIS  
CARO DA HISTÓRIA

Fraude e mistério  
no mundo dos bilionários

Tradução:  
Maria Luiza X. de A. Borges

*A meus pais  
e em memória de Claire Wickham Woodroffe*

Título original:  
*The Billionaire's Vinegar*  
(*The mystery of the world's most expensive bottle of wine*)

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,  
publicada em 2008 por Crown Publishers, um selo da Random House Inc.  
de Nova York, EUA

Copyright © 2008, Benjamin Wallace

Copyright da edição em língua portuguesa/da edição brasileira © ano:

Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: [jze@zahar.com.br](mailto:jze@zahar.com.br)  
site: [www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa:  
Ilustração da capa:

(entra ficha catalográfica)

# SUMÁRIO



1. Lote 337, 7
2. Incógnito, 13
3. Tomb Raider, 25
4. Monsieur Yquem, 43
5. Proveniência, 57
6. “Fizemos o que você mandou”, 65
  7. Valor imaginário, 77
  8. A doçura da morte, 91
  9. Molho de salada, 101
10. Uma nódoa agradável, mas não excelente, 117
  11. O advinho, 131
12. Uma preferência intrínseca pelo óbvio, 143
  13. Radioativo, 161
  14. As cartas de Hubsi, 171
  15. “Inundado de falsificações”, 183
  16. A última degustação vertical, 197
    17. As garrafas de Koch, 206
    18. Partículas fantasmas, 216
    19. Na pista de Meinhard, 229
      20. O final, 241

*Notas*, 283

*Agradecimentos*, 315

## 1. LOTE 337



UM SILÊNCIO BAIXOU SOBRE a Sala Oeste. Os flashes dos fotógrafos faiscavam silenciosamente sobre os espectadores que estavam de pé, e o único som era a voz firme do leiloeiro. Para o mundo, Michael Broadbent projetava o estereótipo da fleuma britânica, mas, por baixo do terno feito sob medida, ele praticava uma espécie de controle da mente que o acalmava nessas situações. O truque era concentrar-se intensamente, quase de modo autístico, em números: número do lote, número de arrematantes, números de tabuletas, número de lances.

Depois de todos aqueles anos, ainda lhe parecia revigorante provocar emoção com um monte de garrafas velhas e sujas. Por mais dessas garrafas que visse, Broadbent, aos 58 anos, conservava um deslumbramento infantil diante da longevidade do vinho. Antigüidades inertes eram interessantes, mas havia algo de mágico no vinho antigo – uma misteriosa e assombrosa alquimia em algo capaz de viver e se transformar por 200 anos e ainda ser *bebível*.

O papel de leiloeiro era o mais público que Broadbent exercia, mas era apenas um dos que o distinguiam no mundo do vinho. Em Londres, ele era uma figura muito conhecida, pedalando para o trabalho todo dia em sua bicicleta feminina holandesa com cestinha, as pernas trabalhando furiosamente, um chapéu *trilby* empoleirado na cabeça. Ausentava-se da cidade com frequência e tinha uma agenda extremamente ocupada. Como diretor fundador do departamento de vinhos da Christie's, passara as duas últimas décadas ziguezagueando pelo planeta, catalogando o conteúdo úmido e empoeirado das adegas de ricos, provando dezenas de milhares de vinhos excelentes e anotando suas impressões em finas cadernetas de

capa dura vermelha. Esses rabiscos despreziosos acabaram se tornando o mais abrangente diário relativo a vinhos já registrado. Ele ocupava agora 60 dessas cadernetas, e Broadbent as publicara num volume que era a referência sobre vinhos antigos. Sob sua direção, a Christie's em grande parte inventara e passara a dominar o mercado global de vinhos antigos e raros. Embora a empresa como um todo fosse menor que sua grande rival, a Sotheby's, seu departamento de vinhos era mais de duas vezes maior, tendo rendido 7,3 milhões de libras na estação anterior.

Os outros profissionais do ramo reconheciam que o paladar de Broadbent era o mais experiente do mundo. Seu manual de bolso sobre degustação, a obra definitiva do gênero, estava na décima primeira edição, tendo vendido mais de 160 mil exemplares e sido traduzido para oito línguas. Nenhum colecionador promovia um evento que aspirasse a algum grau de seriedade sem convidar Broadbent e seu nariz celeberrimamente apurado. Quando chegava a uma reunião relacionada a vinhos, se um vestígio de fumaça de lenha ou de cigarro conspurcasse o ar, ele franzia o nariz e tudo parava até que janelas e portas tivessem sido escancaradas.

Enxuto em seu 1,83m de altura, Broadbent tinha um topete grisalho e um sorriso amistoso que se contrapunha às sobrelanceiras arqueadas de um homem do mundo. Parecia mais aristocrático que muitos dos duques e príncipes ao lado de quem se sentava no conselho de diretores da Christie's.

Nas degustações, Broadbent pousava o relógio de pulso junto da cadernetinha vermelha, de modo a poder cronometrar as mudanças do vinho no copo. Nos intervalos, se houvesse um piano à mão, podia encantar os convidados com um pouco de Brahms, ou sair sozinho para fazer esboços da paisagem local.

Nessas sessões, ele gostava de expressar sua opinião sobre os vinhos em consideração. Tinha a capacidade de descrevê-los com palavras memoráveis. Às vezes tomava empréstimos da literatura, descrevendo um vinho como “negro como uma noite do Egito”. Com mais frequência, cunhava suas próprias descrições idiossincráticas, vendo uma mulher em cada vinho. Um Pétrus de 1979 lembrou-lhe Sophia Loren: “Você pode admirá-la, mas não pode ir para a cama com ela.” Um magnum duplo de Cantenac-Brown 1947 evocou chocolate e “uniformes de colegiais”.

ERA IMPOSSÍVEL SABER que gosto tinha o vinho que Broadbent vendia naquele exato momento em Londres, pouco depois das duas e meia da tarde de quinta-feira, 5 de dezembro de 1985. Esse dia tinha um significado especial para ele; na mesma data, em 1766, James Christie realizara o primeiro leilão da casa. Broadbent subiu ao estrado vestindo um terno de três peças, com um lenço no bolso, e examinou a sala através dos óculos.

O lote 337 era o primeiro item da sessão da tarde e havia sido cuidadosamente retirado de seu leito de feltro verde numa caixa de vidro. Lucy Godsall, uma secretária do escritório de Broadbent, ergueu a garrafa no ar para que a sala a visse. A aparência da moça era condizente com a Christie's – loura, faixa na cabeça, colar de pérolas –, e Broadbent gostava dela; era inteligente, trabalhadeira e bonita.

Broadbent nunca vendera algo assim antes. Um Château Lafite de 1787 – era o mais antigo vinho tinto autenticado já enviado à Christie's para ser leiloadado. E esse era o menor de seus méritos. A garrafa estava gravada com as iniciais “Th.J.”. Como Broadbent descrevera no catálogo do leilão, “Th.J. são as iniciais de Thomas Jefferson”. Quase miraculosamente, a garrafa estava cheia e parecia ter sobrevivido a dois séculos intacta. A própria garrafa era bonita e incomum. “Desta vez”, Broadbent brincou com a platéia, “o comprador vai poder receber alguma coisa pela garrafa.”

A história reconhecidamente fragmentária de como a garrafa fora encontrada só servia para aumentar a mística. Segundo Hardy Rodenstock, o colecionador alemão que a consignara à Christie's na primavera de 1985, operários que demoliam uma casa em Paris haviam derrubado uma parede falsa no porão e topado com um esconderijo de vinhos extremamente antigos. Entre eles estava o Lafite em cuja garrafa se viam as iniciais do “pai fundador”; ele morara em Paris de 1784 a 1789, e era o americano que mais entendia de vinhos de seu tempo.

A integridade dos lacres e o alto nível da bebida nas garrafas eram extraordinários para vinhos daquela idade, dissera Rodenstock a Broadbent. A adega estivera quase hermeticamente conservada, a temperatura estável entre ideais 10 e 14 graus centígrados. Segundo a teoria de Rodenstock, as garrafas haviam sido emparedadas para ficarem protegidas durante o caos da Revolução Francesa, e permaneceram intactas por 200 anos.

Como não é de surpreender, Rodenstock recusou-se a divulgar o local preciso, o número exato de garrafas ou qualquer outro detalhe sobre a descoberta, apesar das súplicas de Broadbent. Rodenstock era o principal colecionador particular da Europa e já fizera nome nos círculos de vinhos raros como um caçador de garrafas excepcionalmente habilidoso. Embora fosse um antigo cliente da Christie's, era um concorrente quando se tratava de adquirir adegas particulares. Essas transações eram feitas muitas vezes em dinheiro vivo, sem serem comunicadas às autoridades tributárias. Certa reticência sobre suas fontes era de esperar.

Broadbent achava que havia duas possibilidades. Uma era que a garrafa tivesse realmente sido descoberta durante as escavações do antigo distrito do Marais, em Paris, grande parte do qual havia sido recentemente demolida e reformada. Um rumor a que Broadbent dava menos crédito, e que nem pensara em mencionar no catálogo, era que a garrafa fizera parte de uma espécie de adegazista.

Conhecendo Rodenstock bem, Broadbent confiava nele e normalmente não se preocuparia muito com a forma como a garrafa fora adquirida. Mas, para seu descontentamento, um pesquisador nos Estados Unidos andara recentemente fazendo barulho na imprensa, questionando se ela de fato pertencera a Jefferson. Broadbent conduziu sua própria investigação e convenceu-se de que as evidências circunstanciais corroboravam esmagadoramente a atribuição. Não podia prová-la, mas, no cômputo geral, os estímulos para prosseguir pesavam mais que qualquer risco de constrangimento.

O prazer do leiloeiro com um objeto que venderia bem explicava apenas metade do entusiasmo de Broadbent. Havia também a expectativa do enófilo, porque o Lafite era seu vinho favorito. Gostava do modo como ele se manifestava no copo, revelando novas profundidades e facetas à medida que respirava. Considerava-o o supra-sumo da elegância, um cavalo de corrida ao lado do cavalo de neve do Mouton e do cavalo de tração do Latour. Mas abrir uma garrafa tão velha assim era jogar com a sorte; Broadbent não conseguia deixar de imaginar que gosto esse vinho poderia ter. Como avaliar semelhante objeto? Ao catalogá-lo para o leilão, qualificara-o de “inestimável”. Estava bastante satisfeito com o trocadilho.

Vários lances prévios – aqueles feitos antecipadamente por arrematantes que não podiam ou não queriam comparecer – haviam chegado. O Château



Lafite-Rothschild, o atual sucessor do vinhedo do século XVIII, havia feito um lance de 5 mil libras; isso havia sido tão eclipsado por outros lances antecipados que o Château estava fora de combate antes mesmo que a sessão começasse. Broadbent podia ter certeza de que um novo preço recorde por uma única garrafa estava prestes a ser estabelecido.

Na Sala Oeste, ele abriu os lances a 10 mil libras. De início as ofertas vinham devagar, mudando em incrementos de 2 mil libras. Uma tabuleta se levantava aqui, outra surgia inesperadamente ali. Mas as coisas esquentaram rapidamente, e logo várias pessoas levantavam tabuletas a cada passo.

Broadbent conhecia todos os integrantes daquele negócio em Londres, e muitos deles estavam ali naquela sala, mas ele depositava suas maiores esperanças nos americanos. A ligação com Jefferson, a força do dólar (que mais cedo naquele ano experimentara uma alta histórica), a história recente dos leilões – todos esses fatores certamente tentariam um *yankee* abonado a repatriar a garrafa. Marvin Shanken, editor da revista *Wine Spectator*, estava ali naquela noite, mas a grande expectativa de Broadbent concentrava-se num sujeito sentado à esquerda da passagem central: Christopher “Kip” Forbes, o filho de 35 anos do editor Malcolm Forbes.

Broadbent não tinha Malcolm Forbes em alta conta, considerando-o “um camarada medíocre”. Sabia que o editor americano colecionava *premiers crus*, bordeaux tintos de primeira linha, embora apenas de safras ruins. Mas era inegável que Forbes tinha dinheiro e o gastaria em algo que desejasse, e Kip logo começou a fazer lances.

O preço subiu rápida e implacavelmente para 20 mil libras, depois 30 mil. Por um instante, um teto parecia ter sido atingido quando se chegou a 40 mil libras, mas os lances recomeçaram. Só depois que Kip Forbes fez um lance de 50 mil libras – 75 mil dólares –, todas as outras tabuletas ficaram abaixadas. Esse era um novo recorde, por ampla margem. O anterior, estabelecido um ano antes em um leilão em Dallas, era de 38 mil dólares por um *jéroboam* (equivalente a seis garrafas) de Mouton-Rothschild de 1870; o recorde para uma garrafa de tamanho normal era de 31 mil dólares, pagos em 1980 por um Lafite de 1822. O preço daquele dia excedia de longe as fantasias mais otimistas de Broadbent. Estivera certo em sua decisão de levar o leilão adiante.

Ele começou o ritual de contagem regressiva. “Quem dá mais?”

Passeou os olhos pela platéia à procura de arrematadores. “Quem dá mais?”

Broadbent examinou novamente toda a sala, desafiando com os olhos os arrematadores a irem além de Forbes. Nada.

Então, no fundo da sala, houve um movimento.